

**Entre o silêncio das formas e das cores:
Os *brasis* de Pena, Almeida e Alencar**

Atilio Catosso Salles (UNEMAT)
Dolores Scarparo (UNEMAT)²

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Manoel de Barros

Resumo: A partir das tessituras de formas e cores Realistas do “sujeito literato” nos compêndios do Romantismo, tomamos como *corpus* a peça teatral *O Judas no sábado de aleluia* (1844), de Martins Pena, a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida e por último o romance *Senhora* (1986), do autor José de Alencar. No gesto de compreendermos a tendência pré-realista que se insinua ao retratar *Brasis* através de uma crônica de costumes, que traduzem visões de mundo, desnudando mazelas sociais da corte e da colônia, é que inscrevemos essa possibilidade de leitura.

Palavras-chave: Realismo, Romantismo, Cores, formas e Silêncio

Abstract: From the weaving of shapes and colors Realists of “subject literate” in textbooks of Romanticism, as we play the corpus *O Judas no sábado de aleluia* (1844), Martins Pena, the book *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), Manuel Antônio de Almeida and finally the novel *Senhora* (1986), the author José de Alencar. In a gesture of understanding the pre-realist trend that is creeping through the Brazils portray a comedy of manners, which reflect views of the world, stripping and cutting the social ills of the colony, is that we have put this ability to read.

Keywords: Realism, Romanticism, Colors, Shapes and Silence

Como *corpus* literário tomamos a peça teatral *O Judas no sábado de aleluia* (1844), de Martins Pena, a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida e por último o romance *Senhora* (1986), do autor José de Alencar como possibilidade de reconstituir/coser as tessituras que desnudam mazelas sociais do XIX em

uma temática realista, cuja estratificação é romântica. Em um gesto de compreendermos essas nuances partiremos de perspectivas críticas de Stuart Hall (2005).

No entanto, para melhor abordar essas nuances que se prenunciam e abordar as mazelas sociais, deve-se primeiro compreender que o romance *Senhora* de Alencar, foi considerado o precursor do Realismo ou pré-realismo. Também, se faz necessário salientar, como se fundiu o estilo literário Romântico no qual Pena (1838) e Almeida (1854) estão inscritos apenas em uma perspectiva cronológica de tempo. Em meados do século XVIII, na Europa, surge uma concepção literária que tem como pano de fundo, sentimentos inspirados nas tradições nacionais, se referindo subjetivamente em tom pessoal a temas como amor e saudade. Esse movimento se expandiu à medida que ia ganhando características e dimensões mais variadas. No Brasil, percebeu-se que houve uma tentativa de criação de uma literatura romântica tida como nacional, deixando de lado, aos poucos, o tom lusitano que pigmentava esse cenário literário da época.

Intuímos que o *corpus* literário que recortamos, por estar imbuído de formas e cores Realista, no período literário Romântico, nos faz pensar que essas materialidades estão a anunciar um devir de um “sujeito literato” além de seu tempo. Stuart Hall (2005), ao tratar da identidade do sujeito pós-moderno, afirma que o homem se encontra multifacetado/fragmentado, ele assume identidades contraditórias em diferentes situações vivenciadas, mostrando assim, sua incompletude e instabilidade. Identidades essas, na maioria das vezes, divergentes por não formarem uma unidade que tenha como cerne o seu “eu” coeso.

O sujeito e a identidade são apenas dois dos conceitos que, tendo sido solapados em suas formas unitárias e essencialistas, proliferam para além de nossas expectativas, através das formas descentradas, assumindo novas posições discursivas.
(2005, p. 13)

Para o crítico em estudo, em decorrência do permanente deslocamento imposto pela vida moderna, a própria natureza da constituição da identidade do sujeito é provisória, inesperado e instável, sendo assim, a identidade do sujeito quando definida é construída historicamente e não de maneira biológica.

Dessa forma, a produção discursiva da nação é entendida como condizente a perpetuação de momentos constituídos em narrativas historicistas contadas nas histórias e nas literaturas nacionais, se a representação da nação está vinculada a formas unificadas, como língua, costume, religião, etc. Aqui nestas obras encontramos uma nação com estas

Entre o silêncio das formas e das cores:
Os *brasis* de Pena, Almeida e Alencar

características, mas entranhada de um discurso que dá lugar a uma outra construção identitária, associada à crítica ao sistema que rege essa sociedade do século XIX.

Martins Pena, um dos maiores dramaturgos brasileiro, considerado o criador do teatro nacional, em suas peças se observa uma comédia temperada pelos costumes, onde basicamente a princípio, o tema era comum ao retratado pelos ideais românticos da época: moças que buscavam noivos. No entanto, neste enredo aparentemente pálido e romântico que esperávamos descortinar em frente de nossos olhos, foi ganhando traços de um retrato realista da burguesia – funcionários públicos, militares, donzelas infiéis e etc. Uma dessas peças, que destaque, é *O Judas em Sábado de Aleluia* (1844).

Na peça, fica nítida a crítica velada que Pena tece lentamente à sociedade hipócrita da época e àquilo que esta sociedade tinha de interioridade podre. Vejamos uma passagem, da peça onde a personagem Faustino inicia a sua vingança, quando este se põe no meio daqueles em antes os repreendiam. As suas intenções são expressas claramente, na hora em que a personagem se apropria da fala e se vinga do Capitão, Antônio Pimenta e Maricota.

FAUSTINO – Bravíssimo! Ditoso par! Amorosos pombinhos! (*Levanta-se, toma Maricota pela mão e a conduz para junto de Antônio, e fala com os dois à parte:*) Menina, aqui tem o noivo que eu lhe destino: é velho, baboso, rabugento e usurário – nada lhe falta para sua felicidade. É este o fim de todas as namoradeiras: ou casam com um gebo como este, ou morrem solteiras! (*Para o público:*) Queira Deus que o aproveite exemplo! (*Para Antônio:*) Os falsários já não morrem enforcados; lá se foi esse bom tempo! Se eu o denunciasses, ia o senhor para a cadeia e de lá fugiria, como acontece a muitos da sua laia. Este castigo seria muito suave... Eis aqui o que lhe destino. (*Apresentando-lhe Maricota:*) É moça, bonita, ardilosa e namoradeira; nada lhe falta para seu tormento. Esta pena não vem no Código; mas não admira, porque lá faltanouras muitas coisas. Abracem-se, em sinal de guerra! (*Impele um para o outro.*) Agora nós, sr. capitão! Venha cá. Hoje mesmo quero uma dispensa de todo o serviço da Guarda Nacional! Arranje isso como puder; quando não, mando tocar a música... Não sei se me entende?...

CAPITÃO – Será servido. (*À parte:*) Que remédio; pode perder-me!

FAUSTINO – E se de novo bulir comigo, cuidado! Quem me avisa... Sabe o resto! Ora, meus senhores e senhoras, já que castiguei, quero também recompensar. (*Toma Chiquinha pela mão e coloca-se com ela em frente de Pimenta, dando as mãos como em ato de se casarem.*) Sua bênção, querido pai Pimenta, e seu consentimento!

PIMENTA – O que lhe hei de eu fazer, senão consentir!

FAUSTINO – Ótimo! (*Abraça a Pimenta e dá-lhe um beijo. Volta-se para Chiquinha:*) Se não houvesse aqui tanta gente a olhar para nós, fazia-te o

mesmo... (*Dirigindo-se ao público:*) Mas não o perde, que fica guardado para melhor ocasião.
(1838, p.17)

Essa repreensão de Faustino à Maricota, que teve que se casar com Antônio (um velho, baboso, rabugento e usurário) e a Pimenta que foi obrigado a ceder à mão de sua filha, configuram uma das principais características dos textos de Pena, que é envolver, sobretudo flagrantes da vida cotidiana nacional, do campo e cidade, desenhando um sórdido capítulo da sociedade, a partir de temas como: problemas familiares, heranças, dívidas, dotes, corrupção, casamento, injustiças e etc. Seu acervo de personagens é composto por funcionários públicos, padres, meirinhos, juízes, malandros, matutos, moças namoradeiras ou sonsas, guardas nacionais, mexeriqueiros, viúvas etc.

No gesto de compreendermos essa tendência pré-realista que se insinua, cito ainda o fato de a personagem Maricota, durante toda a narrativa da peça, ir contra os valores morais da época, de que uma moça teria que ser recatada e inocente, conforme uma das pressuposições do período romântico. Na verdade, o que observamos é uma jovem fogosa, que está sempre à procura de um rapaz com muitos dotes, conforme Pena:

MARICOTA – Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, faze-te vermelha! – talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não há moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me porventura uma só, que não tenha hora escolhida para chegar à janela, ou que não atormente ao pai ou à mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? E pensas tu que é isto feito indiferentemente, ou por acaso? Enganas-te, minha cara, tudo é namoro, e muito namoro. Os pais, as mães e as simplórias como tu é que nada veem e de nada desconfiam. Quantas conheço eu, que no meio de parentes e amigas, cercadas de olhos vigilantes, namoram tão sutilmente, que não se pressente! Para quem sabe namorar tudo é instrumento: uma criança que se tem ao colo e se beija, um papagaio com o qual se fala à janela, um mico que brinca sobre o ombro, um lenço que volteia na mão, uma flor que se desfolha – tudo, enfim! E até quantas vezes o namorado desprezado serve de instrumento para se namorar a outrem! Pobres tolos, que levam a culpa e vivem logrados, em proveito alheio! Se te quisesse eu explicar e patentear os ardis e espertezas de certas meninas que passam por sérias e que são refinadíssimas velhacas, não acabaria hoje. Vive na certeza, minha irmã, que as moças se dividem em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.
(1838, p.3)

Entre o silêncio das formas e das cores:
Os *brasis* de Pena, Almeida e Alencar

Assim, quando Maricota ao argumentar que as moças se dividem em duas classes: sonsas e sinceras intuo que esta personagem inaugura seu pertencimento a um grupo da sociedade ‘diferente’, que até este momento não fora descrita em nenhum movimento da literatura clássica. Dando a possibilidade de afirmarmos que se inicia a produção de uma ‘Literatura Marginal’ que carrega em si, manifestações porosas de um pré-realismo. Entretanto, não considero Literatura Marginal, conforme uma concepção dos anos 70, onde autores que estavam na contracultura, não tinham espaço na mídia editorial.

Concebemos o termo marginal em sua concepção conotativa, que faz referência a uma literatura produzida à margem de uma sociedade e que ao longo do tempo, das periodizações literárias não manifestou pertencimento a nenhuma das ‘gavetas’ vigentes. Metaforicamente, a marginália seria um ‘arquivo morto’, que sempre esteve presente na literatura, para aquelas manifestações artísticas não consideradas canônico-clássicas.

Trago, pois para a cena das discussões, outra obra: *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854) do autor Manuel Antônio de Almeida, para continuar problematizando essas questões de ambiência outra, para determinadas literaturas. A personagem, no qual recorto, é Leonardo, o futuro sargento de milícias, filho de Leonardo-Pataca e de Maria -da-Hortaliça, que é construído no decorrer da trama como:

[...] menino traquinas, sempre pronto para fazer travessuras e vingar-se de quem não o suportava, passa a sargento de milícias, posto de grande responsabilidade, o que caracteriza a trajetória desordenada e contraditória de um personagem que não controla o meio em que se envolve e vai, pelo contrário, deixando-se levar por ele. Leonardo é, indiscutivelmente, a figura central do enredo, apesar de muitas vezes ser ofuscado pela ação de outros personagens.
(site: Algo Sobre)

Observa-se, nesta citação que a personagem Leonardo, da obra *Memórias de um Sargento de Milícias* assemelha se muito com os personagens de Pena, no que tange a retratar neles, um problema para a visão tradicional da crítica literária brasileira da época. Notamos que há uma despreocupação de Almeida e Pena em catalogar as obras a partir das concepções idealistas próprias da periodização por estilos [romantismo, realismo, etc.].

Almeida e Pena, em suas narrativas rompem o silêncio das formas e cores de uma construção de um mundo ideal, que sempre fora impregnado de valores de uma cultura burguesa. Eles se põem a dizer um grupo da sociedade específico, que trazia impresso em si

uma marginalização completa que se tornava bastante tênue. Leonardo, Maricota, Pimenta, Faustino [...], esboçam traços estéticos que ultrapassam o Romantismo, estas personagens de ficção são constituídas de valores de homens livres, para eles a ordem e desordem, pouco representavam.

Pensando *Senhora*, de Alencar também podemos perceber pigmentos que silenciam formas e cores de um romantismo, visto que o conflito amoroso entre os protagonistas nasce de um interesse econômico. Dessa forma, a crítica social desnuda personagens que dão mais valor ao dinheiro, impondo o valor burguês do século XIX. É a análise psicológica das personagens, que antecipa características do Realismo, (Burguesia) vejamos um trecho em que se evidencia um amor contrariado pelos hábitos sociais:

No dia seguinte pela manhã, Lemos, de jornal aberto, tomava nota dos anúncios, tarefa habitual com que estreava o dia, quando lhe entregaram uma carta. A capa era de relevos, e o conteúdo um quarto de papel cetim com estas palavras:

"Pedro de Sousa Camargo e D. Emília Lemos Camargo têm a honra de participar a V. Sa. o seu casamento.

Rio de Janeiro, etc."

Na casa de Lemos ninguém acreditou em semelhante casamento. Para a família, a moça não era senão a amante de Pedro Camargo; e por conseguinte uma mulher perdida.

(1986, p.49)

Alencar não destoa completamente do romantismo em voga, sua visão de mundo é construída pela emoção, por problemas políticos, econômicos e urbanos, retratando *Brasis* de forma romântica, mas que traduz um tema realista: o casamento burguês.

Assim, objetivando traçar uma conclusão, ainda que provisória, destaco que não é apropriado considerar as, peças de Pena e a obra *Memórias de um Sargento de Milícias* de Almeida, como sendo precursoras do Realismo no Brasil, embora estas são constituídas de elementos que possibilitam essa interpretação, já que o cenário não é o dos palácios reais, há presença de um sentimento anti-religioso, conforme atestamos na personagem Maricota, a linguagem irrompe a barreira do canônico e etc. E também não se admite catalogar a obra *Senhora* do autor de José de Alencar apenas como Romântica ou Realista.

Há nesses *corpus* literários um silenciamento de formas e cores que tentam retratar *Brasis* através de uma crônica de costumes, que traduzem visões de mundo, desnudando mazelas sociais da corte e da colônia.

Entre o silêncio das formas e das cores:
Os *brasis* de Pena, Almeida e Alencar

E para finalizar este estudo voltamos à citação do grande poeta Manoel de Barros para o qual “A maior riqueza do homem é a sua incompletude” (2002). É a obra de arte que possibilita o enfrentamento do homem com o mundo, encaminhando o leitor para uma contemplação de viver coisas que sua vida humana não permite viver, bem como contribui para a humanização do próprio ser em meio ao caos da realidade.

A literatura recria o drama existencial do homem, mostra as peculiaridades e inquietações do ser, expressa o que falta no mundo e aponta para o que nele deveria estar, traduz por meio da linguagem literária o desdobramento do ser. Isto mostra a literatura enquanto possibilidade de encararmos o mundo, de nos fazer enfrentar a nós e aos outros, e assim renovar o homem.

Referências bibliográficas:

ALENCAR, J de. **Senhora**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ALMEIDA, M, A de. **Memórias de um sargento de milícias**. 1852.

BARROS, M de. **O retrato do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Record. 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro, 2005

PENA, M. **O juiz de paz na roça**, comédia em 1 ato (1838, primeira representação)

PENA, M. **O judas no sábado de aleluia**, comédia em 1 ato (1844, primeira representação)

PENA, M. **O caixeiro da taverna** (1847)

Websites

www.educatererra.terra.com.br. Acesso em: 18/10/2010

<<http://www.algosobre.com.br/>>. Acesso em: 18/10/2010

pt.shvoong.com. Acesso em: 18/10/2010

books.google.com.br – às 9:30 / 19-10-2010

www.revistafenix.pro.br – às 10:20 / 19-10-2010

<http://lilianportel.it.blogspot.com/2010/08/senhora-x-memorias-de-um-sargento-de.html>
Acesso em: 13/12/2010